

CARAJÁS, PARÁ, 31 DE MARÇO DE 1995

*Senhor Governador do Pará, Doutor Almir Gabriel – e, saudando o Governador do Pará, eu saúdo os Governadores aqui presentes, saúdo a todos os Governadores da Amazônia, e muito me agrada e me orgulha, como brasileiro, tê-los todos aqui para discutirmos questões de interesse da Amazônia; Senhores Senadores; Senhores Deputados; Senhores Ministros; Senhores Prefeitos; Senhoras; Senhores; Senhores Gerais;*

Serei muito breve na abertura deste nosso encontro. Nós teremos, nos próximos dias, de hoje até domingo, muitas oportunidades para estarmos juntos e conversarmos.

Mas eu queria apenas expressar, além da minha satisfação de poder estar aqui, hoje, no Pará, e, daqui a pouco, mais tarde, em Manaus, também que o caráter deste encontro é de uma reunião de trabalho.

Nós estamos completando três meses de Governo. E, desde o momento em que me comprometi com o povo do meu país a me dedicar com afinco à administração brasileira, não deixei nunca de pensar na Amazônia.

Desde a campanha, quando aqui estive, e poucas vezes, e desde que vi os resultados eleitorais, que foram os mais elevados que tive no Bra-

sil, em termos proporcionais, o que mostra a generosidade desse povo, eu sempre pensei com os meus botões que havia algo além da obrigação normal de um presidente, além do sentimento corrente num cidadão brasileiro. No meu caso, havia mais do que isso: havia também um sentimento de ligação muito forte com a Amazônia.

Minha mãe é amazonense, nasceu em Manaus. Eu, desde pequeno, fui educado ouvindo histórias da Amazônia, embora eu não tivesse conhecido a Amazônia quando menino. Anos mais tarde, andei aqui pelo sul do Pará. Escrevi um livro sobre a colonização no sul Pará e o caráter do Estado brasileiro.

Portanto, a Amazônia não é para mim alguma coisa desconhecida, nem se trata de objeto de estudo, nem simplesmente de um rincão lá longe, importante, de que o mundo todo fala. É muito mais do que isso: é gente, é povo, é sentimento que corre no sangue e que se sente na pele. (*Palmas.*)

Acredito que, com toda essa motivação, a melhor maneira que eu possa ter de devolver à Amazônia o muito que a ela devo, de formação, de berço e de eleição, de votação, de amizade – tantos são os governadores, os parlamentares, os administradores daqui com os quais tenho uma relação muito próxima –, a melhor maneira de servir a tudo isso seria trabalhando. Nós podíamos fazer vários tipos de visita, mas acho que uma visita que realmente corresponde ao interesse da Amazônia não é uma visita, é um compromisso de trabalho. Então, o caráter desta reunião é de reunião de trabalho.

Nós não estamos aqui para comemorar nada, não estamos aqui para trocar elogios: estamos aqui para ouvi-los. Para ouvi-los e definirmos, em conjunto, o nosso programa de ação para os próximos quatro anos.

Eu, quando candidato, apresentei algumas idéias sobre a Amazônia, que recolhi da própria Amazônia. Agora, é preciso dar corpo às idéias, é preciso compatibilizar os recursos com o que se deve fazer, é preciso hierarquizar, dar prioridades e não assumir compromissos que não possam ser cumpridos, nem imaginar que de Brasília possamos realmente saber do que a Amazônia precisa. É aqui, é conversando, é discutindo, é revendo posições.

Tenho dito, desde que assumi o Governo, que é preciso ter a humildade e a coragem para rever posições. E se a proposta for errada, corrija-se. (*Palmas.*) O que não se pode é, por presunção, por insolência, recusar-se ao diálogo. Estamos aqui para dialogar democraticamente, cada qual de nós com as suas responsabilidades próprias. E, quando terminarmos este encontro de três dias, os projetos que dissermos que faremos vamos ter que fazer. Somos nós que vamos fazê-los, não é o Presidente, é o conjunto. Nós vamos fazê-los. (*Palmas.*)

Não estou dizendo isso para não me comprometer com alguma coisa a partir de hoje, desta viagem. Não. Aliás, os Ministros se reuniram entre si, já se reuniram com os secretários. O Ministro do Meio Ambiente e o Ministro da Integração Regional fizeram, ambos, encontros. Participaram o Ministro do Planejamento, o dos Transportes, o da Indústria e Comércio, o de Minas e Energia, o da Ciência e Tecnologia. Os governadores conversaram. Eu me reuni, ainda esta semana, com os Ministros e alguns técnicos para que tivéssemos uma certa idéia. Nós temos alguma idéia do que fazer e por onde é possível começar, mas vamos sacramentá-las agora, aqui, neste encontro.

Quero parabenizar o Governador Almir Gabriel por ter decidido que o encontro seria aqui, em Carajás, porque nos propicia a oportunidade de ver essa magnífica Companhia da Vale do Rio Doce, o que ela está fazendo para o desenvolvimento do Brasil, com respeito à preservação ambiental, com preocupação social, como uma companhia responsável perante a cidadania deve atuar. Ele vai e nos oferece este ambiente, que é um ambiente que permite a reflexão, que permite o trabalho.

Eu vou pedir que cada um dos Governadores, nesta sessão inaugural de nossos dias de trabalho, depois faça as suas observações e diga, segundo a sua visão, quais são os problemas, quais são as prioridades, porque, mesmo que, talvez, tenhamos a ilusão de já saber, é sempre melhor saber de viva voz.

Quero dizer-lhes também que a nossa preocupação, que é compartilhada pelo Ministério todo, não é simplesmente de fazer uma obra aqui, outra obra ali: é de criar realmente eixos de desenvolvimento que tenham repercussão, que estruturam. Tenho conversado com o Ministro

Cícero de Lucena sobre essa matéria e com o Ministro Gustavo Krause. É preciso que haja ações que permitam a estruturação, a integração.

Também quero deixar claro mais uma vez que, no meu modo de entender, não se trata de tomar uma região, como a Amazônica, de significado tão grande para todos nós e de significado internacional, e dizer: “Bom, então, isso é um problema da Amazônia. Fizemos isso, e, agora, a Amazônia que ande com os seus próprios meios – ou o Nordeste, ou o Sul.” Não é isso, não.

Hoje, para que possamos bem entender um problema aparentemente regional, temos que percebê-lo nacionalmente. É o Brasil que quer assim, no seu conjunto. Não é por causa da Amazônia, do Tocantins ou de Mato Grosso isoladamente: é uma integração. E integração não se faz colocando num canto o “Ministério da Amazônia”, o “Ministério do Nordeste”. Podem existir, como existem alguns, mas a preocupação é do Governo, da Nação. Sou eu que quero, em nome do povo brasileiro, a integração nacional (*Palmas*.)

Nós, brasileiros, todos os Ministros, sejam da Amazônia ou não, temos que saber que uma porção importante da ação do Governo, no seu conjunto, tem de ser integradora, de tal maneira que possamos de verdade, não só em palavras, diminuir as desigualdades regionais.

Também fiquei muito contente com os contatos que tive com os governos da Amazônia, que procuraram, eles próprios, mais de uma vez, organizadamente, chamar a minha atenção para o fato de que, hoje, estão aqui governadores que têm a concepção adequada do que seja o desenvolvimento na Amazônia. O desenvolvimento é auto-sustentável – não é uma palavra, não é um conceito, é uma realidade. Essa realidade do auto-sustentável implica a preservação da natureza, do homem, da mulher, enfim, do ser humano, mas é desenvolvimento social também, é crescimento econômico também, dentro de um contexto – como aqui, em Carajás, que é um belo exemplo, em que se pode coadunar tanto a inspiração racional da natureza, preservando-a da devastação, com a necessidade de dar emprego, com a necessidade de dar saúde e dar terra. Provavelmente, por aqui haverá hoje gente pedindo terra. É justo. O Governo não pode fazer tudo num primeiro mo-

mento, mas vai dar terra a quem precisa de terra. Nós desapropriamos já, nestes três meses, 1 milhão de hectares de terra – nunca ninguém fez isso, numa só “pernada” – para poder assentar 40 mil famílias.

O Brasil pode fazer isso dentro de uma concepção democrática, respeitando os direitos, mas trabalhando. Esta é a nossa disposição: de trabalhar. E, com ela, a disposição de trabalhar, eu vou pedir que os Governadores trabalhem um pouquinho por mim, para eu descansar um pouco. (*Palmas*). Passo a palavra, portanto, pela ordem alfabética, ao Senhor Governador do Acre.

